



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MANUELLA KAREN TARGINO DA SILVA

**VALORIZAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DA CULTURA NORDESTINA:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DA LITERATURA DE JESSIER
QUIRINO**

GUARABIRA

2021

MANUELLA KAREN TARGINO DA SILVA

**VALORIZAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DA CULTURA NORDESTINA:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DA LITERATURA DE JESSIER
QUIRINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Habilitação Língua Portuguesa.

Área de concentração: Sociolinguística e Ensino

Orientadora: Prof.^a Ma. Karla Valéria Araújo Silva

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586v Silva, Manuella Karen Targino da.
Valorização da variação linguística e da cultura nordestina
[manuscrito] : uma proposta de intervenção a partir da
literatura de Jessier Quirino / Manuella Karen Targino da
Silva. - 2021.
33 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Karla Valéria Araújo Silva ,
Departamento de Letras - CH."

1. Variação linguística. 2. Ensino de língua. 3. Jessier
Quirino. 4. Poesia matuta. I. Título

21. ed. CDD 410

MANUELLA KAREN TARGINO DA SILVA

VALORIZAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DA CULTURA NORDESTINA:
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DA LITERATURA DE JESSIER
QUIRINO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras – Habilitação Língua
Portuguesa.

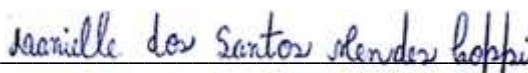
Área de concentração: Sociolinguística e
Ensino

Aprovado em: 06/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ma. Karla Valéria Araújo Silva (UEPB)
Orientadora



Prof.^a Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi (Pós- FIP)
Examinadora



Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva (UEPB)
Examinador

A minha mãe, Maria José (Del), e ao meu pai,
Luiz, pelo amor, dedicação e incentivo,
DEDICO.

“A face nordestina é relativa ao povo simples, aos becos, aos quintais, ao interior, ao Sertão. É lá que o u vai passear, bota um chapéu no seu lugar e a lavoura é só lavôra. É lá que o plural se agarra ao pronome e larga o substantivo [...] É onde o ditongo ei perde o i de estimação e o beijo vira bejo [...].”

(Jessier Quirino)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Cartum sobre variação linguística diacrônica	16
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Variação linguística na nomeação de elementos de acordo com a região.....	18
Quadro 2: Falares da região nordestina	19
Quadro 3: Plano de aula.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	11
2.1 TIPOS E CAUSAS DE VARIAÇÃO	14
2.2 A VARIAÇÃO REGIONAL COM ÊNFASE NA NORDESTINA.....	17
3 JESSIER QUIRINO E A POESIA “MATUTA”	20
4 DAS NOTAS METODOLÓGICAS Á PROPOSTA DE ATIVIDADE.....	24
4.1 A LITERATURA MATUTA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30

VALORIZAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E DA CULTURA NORDESTINA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DA LITERATURA DE JESSIER QUIRINO

APPRECIATION OF THE LINGUISTIC VARIATION AND NORTHEASTERN CULTURE: A INTERVENTION PROPOSAL FROM THE LITERATURE OF JESSIER QUIRINO

Manuella Karen Targino da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho traz uma propositura de ensino da variação linguística contextualizada na literatura matuta de Jessier Quirino. Para tanto, se debruça sobre a variação linguística, objeto de estudo da Sociolinguística variacionista, que se traduz em conhecimento das práticas de linguagem no ensino de Língua Portuguesa e elo que interliga os elementos: língua, sociedade e comunicação. Por essa perspectiva, delineamos como objetivo principal apresentar uma proposta de intervenção didática voltada para aulas de Língua Portuguesa (LP), que tenha como objeto de conhecimento a variação linguística a partir da obra do poeta Jessier Quirino. Como objetivos específicos pretendemos: i) discutir sobre a dinamicidade variacional da língua e as principais causas do desprestígio linguístico; ii) incentivar a prática da leitura e a valorização da variação regional nordestina através dos poemas de Jessier Quirino, já que retratam a língua, elementos e costumes da nossa cultura; iii) colaborar com a didática de professores de LP, no que concerne ao ensino e a valorização da variação linguística e na desconstrução do preconceito linguístico. Nosso trabalho se justifica pela intenção de um ensino mais significativo e receptivo no tocante à variação linguística, através da inserção da literatura matuta do escritor paraibano Jessier Quirino, como instrumento de representação de variantes linguísticas do Nordeste brasileiro. Com o intuito de instigar o resgate e a apreciação de elementos da cultura nordestina, sobretudo os falares do povo dessa região, sua obra pode contribuir para a desconstrução do preconceito linguístico, promovendo assim, um processo de ensino/aprendizagem que acata os contextos e as situações sociocomunicativas da língua, efetivadas através da escrita e da oralidade. Nossa discussão está fundamentada à luz dos postulados de Cezario e Votre (2008), Bagno (2006, 2007, 2013), Bortoni-Ricardo (2004), entre outros. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, tem sua relevância no âmbito do ensino de Língua Portuguesa ao apresentar em sua metodologia uma proposta pedagógica, com vias à intervenção, que pode ser utilizada, ou até mesmo reconfigurada, caso seja necessário, por professores da área, pois ela propõe atividades enriquecedoras de identificação, compreensão e valorização do fenômeno da variação linguística, tendo como base a escrita de Jessier Quirino.

Palavras-chave: Variação Linguística. Ensino de Língua. Jessier Quirino. Poesia Matuta.

¹ Graduanda em Letras- Português, pela Universidade Estadual da Paraíba- Campus III. E-mail: mk.karen27@gmail.com

ABSTRACT

The present work presents a proposal for teaching linguistic variation contextualized in Jessier Quirino's hillbilly literature. Therefore, it focuses on linguistic variation, the object of study of variationist sociolinguistics, which comprises the knowledge of language practices in Portuguese language teaching and a link that interconnects the elements: language, society and communication. From this perspective, we outline as main objective to present a proposal of didactic intervention focused on Portuguese Language (PL) classes, which has as object of knowledge the linguistic variation based on the work of the poet Jessier Quirino. As specific objectives, we intend to: i) discuss the variational dynamics of language and the main causes of linguistic discredit; ii) encourage the practice of reading and the appreciation of the Northeastern regional variation through the poems of Jessier Quirino, as they portray the language, elements and customs of our culture; iii) collaborate with PL teachers' didactics, with regard to teaching and valuing linguistic variation and deconstructing linguistic prejudice. Our work is justified by the intention of a more meaningful and receptive teaching regarding the linguistic variation, through the insertion of the hillbilly literature of the writer Jessier Quirino from Paraíba, as an instrument of representation of linguistic variants of the Brazilian Northeast. With the aim of instigating the recovery and appreciation of elements of northeastern culture, especially the speeches of the people of this region, his work can contribute to the deconstruction of linguistic prejudice, thus promoting a teaching/learning process that respects the contexts and the language socio-communicative situations, carried out through writing and orality. Our discussion is based on the postulates of Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2006, 2007, 2013), Cezario and Votre (2008) among others. This qualitative research has its relevance in the context of Portuguese Language teaching by presenting in its methodology a pedagogical proposal, with ways for intervention, which can be used, or even reconfigured, if necessary, by teachers in the area, because it proposes enriching activities for the identification, understanding and appreciation of the phenomenon of linguistic variation, based on the writing of Jessier Quirino.

Key-words: Linguistic Variations; Language Teaching; Jessier Quirino; Hillbilly Poetry.

1 INTRODUÇÃO

O universo literário, no que diz respeito à literatura escrita, é visto, na maioria das vezes, com os olhos da normatização gramatical e do uso da linguagem tida como culta, por ser “um importante instrumento de regulação dos usos linguísticos e do uso da língua” (CORREIA; FERREIRA, 2013, p. 300). Sendo assim, mesmo que o leitor não seja alguém que domine tais normas, mas culturalmente já foi imposto em sua consciência que quem produz literatura deve ter um amplo conhecimento desses dois elementos e, assim, “escrever corretamente”.

É quase incomum aceitarmos textos literários em que seus autores não tenham a preocupação em seguir algumas dessas regras ou que traga para sua escrita marcas da oralidade, pois, poderíamos imaginar até mesmo que ao desviar-se delas, corre-se o risco de fazer com que o leitor tenha dificuldades de interpretação durante a leitura do texto. Essa visão está ligada ao fato de que a linguagem literária, em sua grande maioria, é construída de forma rebuscada e carregada de formalidade. Logo, ela se distancia da língua falada e se direciona a um público culto restrito, pois, sabe-se que o direito ao acesso à literatura sempre foi dado à uma classe seleta e dominante.

Dessa maneira, esse tradicionalismo formal da escrita sempre teve seu local de destaque nas instituições de ensino, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, fazendo com que a linguagem popular e o seu contexto social não tivessem espaço nesse âmbito. O distanciamento

da modalidade falada da língua talvez seja um dos principais fatores que fazem com que a linguagem literária não tenha maior alcance, diferenciando-se do que ocorre com a língua falada, que é democrática e acessível sem distinção de classe, cor, raça etc., já que essa modalidade tem um caráter muito mais individual e adaptativo à situação comunicacional, além de abrir espaço para a realização de variantes e mudanças linguísticas. Contudo, com o passar do tempo, classes menos favorecidas começaram a se aproximar do mundo literário.

É sabido também que, mesmo diante da formalidade, os autores de textos literários também têm sua liberdade durante o processo de criação das suas obras, podendo romper com algumas das tradições literárias, do uso linguístico normativista. E é através desse direito à liberdade criacional que o poeta Jessier Quirino constrói suas obras. O escritor traz em seus versos o resgate da riqueza e da singularidade cultural e sociológica da cultura nordestina, ao escrever seus poemas fazendo uso do linguajar matuto² do povo nordestino. Ao trazer as variantes e o ritmo da fala popular para o texto escrito, Jessier Quirino, além de enaltecer a cultura popular nordestina, também dá a sua contribuição para o combate ao preconceito linguístico.

Nesse viés, vale ressaltar que, ao fazermos uma revisão bibliográfica³ com ênfase nas produções científicas norteadas pela escrita de Jessier Quirino, identificamos algumas publicações tais como: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e artigos, que objetivam analisar a construção da figura do matuto, representada em suas obras, outras apresentam estudos do léxico em poemas específicos do autor, sendo alguns com o propósito de criar inventários de expressões regionais nordestinas. Há ainda publicações que analisam as temáticas abordadas pelo autor, como política e religião no contexto nordestino e, constatamos, também, um artigo que descreve a vivência de uma prática pedagógica, em uma turma da Educação de Jovens e adultos (EJA), com foco na ampliação dos usos da língua a partir da leitura e interpretação do poema *Comício de beco estreito*, do autor Jessier Quirino. Diante deste levantamento, destacamos a relevância da nossa pesquisa, visto que a mesma vem enriquecer esse acervo científico, bastante escasso, no tocante a apresentar propostas de intervenção pedagógica que tenha como objetivo a valorização da variação linguística e a desconstrução do preconceito linguístico a partir da literatura matuta de Jessier Quirino.

Fazer uso dessa essência presente nas obras de Quirino no ensino da Língua Portuguesa é uma excelente forma de ampliar a perspectiva educacional das nossas instituições de ensino para a valorização da variação linguística, da desconstrução do preconceito linguístico e, o mais importante, aproximar e resgatar a nossa cultura material e imaterial, retratada nas obras de Jessier Quirino. Mediante o exposto, focalizamos nosso trabalho na escrita de Jessier Quirino, a qual não se pauta pela tradição normativa da língua, mas no estilo de poesia matuta. Sob essa ótica, nossa proposta de pesquisa será norteadada pelo seguinte questionamento: como resgatar e valorizar a cultura e a linguagem nordestina, no ensino de Língua Portuguesa, através do uso de obras do autor Jessier Quirino?

Nessa perspectiva, delineamos como objetivo geral apresentar uma proposta de intervenção didática voltada para aulas de Língua Portuguesa (doravante, LP), que tenha como objeto de conhecimento a variação linguística. Como objetivos específicos pretendemos: i) discutir sobre a dinamicidade variacional da língua e as principais causas do desprestígio linguístico; ii) incentivar a prática da leitura e a valorização da variação regional nordestina através dos poemas de Jessier Quirino, já que retratam a língua, elementos e costumes da nossa cultura; iii) colaborar com a didática de professores de LP, no que concerne ao ensino e a

² Termo empregado pelo poeta para se referir, de forma não pejorativa, à rica expressão oral existente na região do sertão nordestino.

³ Oliveira (2006), Souza (2009a, 2009b), Costa et. al. (2010), Fachine; Souza (2010), Queiroz; Andrade (2016), Silva (2019), Silvério; Silva (2019).

valorização da variação linguística e na desconstrução do preconceito linguístico. Pressupomos então que, a partir da inserção da literatura matuta de Jessier Quirino como instrumento de apresentação, resgate e apreciação de elementos da cultura nordestina, principalmente dos falares do povo dessa região, pode haver uma aprendizagem que leve em consideração os contextos e as situações sociocomunicativas da língua, que se efetivem tanto através da escrita como da oralidade.

Para tanto, a discussão apresentada neste trabalho está pautada em uma abordagem de natureza qualitativa de caráter propositivo, e subdividida em seções que assumem o papel de enriquecer os estudos sobre o ensino e a valorização da variação linguística da seguinte forma: Primeiramente, faremos uma contextualização acerca da variação linguística como objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista, discorrendo sobre o caráter heterogêneo e social da língua e o desprestígio causado pela avaliação social das variantes, que por sua vez fundamenta o preconceito linguístico. Em seguida, abordaremos os tipos de variações linguísticas, apontando seus fatores desencadeadores. Posteriormente, focaremos na discussão sobre os aspectos da variação linguística nordestina. Na seção seguinte, apresentaremos uma breve biografia do escritor Jessier Quirino e seu estilo de escrita, que representa os falares, resgata e valoriza a identidade do matuto nordestino. Por fim, com a finalidade de contribuir para o ensino da variação linguística e a desconstrução do preconceito linguístico, apresentaremos uma proposta de intervenção didática ancorada na escrita de Jessier Quirino. Toda a tessitura deste trabalho tomará como base as discussões de Cezario e Votre (2008), Bagno (2006; 2007; 2013), Bortoni-Ricardo (2004), entre outros.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Sociedade, língua e comunicação, três elementos coexistentes e interligados pelo fator variedade. Fator esse que é definido pelo dicionário Priberam da Língua Portuguesa⁴: *va-ri-e-da-de* (latim *varietas, -atis*) substantivo feminino 1. *Qualidade do que é vário.* 2. *Estado de um corpo composto de partes variadas.* 3. *Multiplidade.* 4. *Inconstância.* 5. *Diversidade.* É fácil *linkarmos* os sentidos do termo variedade aos elementos citados, pois vivemos em uma sociedade com variadas formas de organização, com cidadãos de variadas raças, etnias, crenças, culturas, gêneros, idades, classes sociais etc., que falam diversas línguas e que se comunicam de diversas formas de acordo com as múltiplas necessidades de interação.

Essa relação está intrínseca na humanidade desde o seu surgimento e vem passando por evoluções e mudanças ao longo do tempo, gerando cada vez mais diversidade. A língua, acompanhando esse movimento, modifica-se e se ramifica para adaptar-se às necessidades sociais de comunicação dos seus falantes/ouvintes. A organização das variantes a partir desse fenômeno deu origem a variação linguística.

Essa manifestação da língua passou a ser objeto de estudo também da Sociolinguística Variacionista, “[...]uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 141). Esse ramo de estudos da língua surgiu pela percepção de que a língua não poderia ser apreciada de forma isolada, fora de um contexto de uso social, pois a língua, assim como seus falantes, é viva.

Diante desse fato, deu-se início a uma reflexão acerca da heterogeneidade da língua, que até então era vista como estável e inalterável. Mas, como poderia ser se, como já falamos aqui, as situações sociais de comunicação e seus interlocutores são tão diversos? Sendo assim, é conveniente e aceitável que a língua, para atender às necessidades sociocomunicativas, sofra determinadas variações. Bagno (2007) declara que a língua é:

⁴Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/variedade>. Acesso em: 07 ago. 2021.

[...] intrinsecamente **heterogênea**, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente, nunca concluído. A língua é uma **atividade social**, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita (p. 36, grifos do autor).

Isso posto, é compreensível que o propósito da Sociolinguística é analisar os elos entre a heterogeneidade social e a heterogeneidade linguística, assim como a preponderância de uma sobre a outra. Cezario e Votre (2008, p. 146), afirmam que “[...]a sociolinguística equivale à linguística com ênfase na atenção às variáveis de natureza extralinguística [...]. Dessa forma, as novas disciplinas vêm priorizar os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem na linguagem.” Logo, a Sociolinguística leva em consideração que as mudanças na estrutura de uma sociedade podem acarretar mudanças na comunicação e, posteriormente, ocasionar mudanças na língua. Sendo possível que o caminho inverso dessas mudanças também ocorra.

Embora o termo Sociolinguística tenha surgido em 1950 e se consolidado como corrente a partir de 1960, nos Estados Unidos, fomentado principalmente pelos trabalhos de Labov, em seguida por Gumperz e Dell Hymes e com a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright em 1966, antes dessas décadas, alguns estudiosos da língua já apontavam correlações entre língua, cultura e sociedade, tornando-se assim os prógonos dessa corrente, como: alguns dialetólogos, da década de 1930, que anexaram informações sociais ligadas ao grau de escolaridade em suas pesquisas sobre dialetos em seus trabalhos no *Linguistic Atlas of the United States and Canada*; e Meillet (apud CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 147), que em 1926, investigando alterações linguísticas na França, declarou que “toda modificação na estrutura social acarreta uma mudança nas condições nas quais a linguagem se desenvolve e que, portanto, a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade”.

Percebemos aqui que a Sociolinguística se posiciona na contramão da norma padrão concebida para uma língua, que além de ser característica do cânone literário, é regida pelas gramáticas normativas que engessam a língua tornando-a imutável e, o que é mais preocupante, situam em posição de desprestígio quem não segue o padrão culto, e dito “certo”, da língua. Pois, ao contrário dos compêndios normativos, essa ciência traz à tona a dinamicidade da língua através das interações sociais entre seus falantes. Nesse sentido, Bagno (2007) compara o funcionalismo da língua ao percurso das águas de um rio “que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre as montanhas e a se alargar pelas planícies [...]” (p.36). Ora, as montanhas, as planícies, as cachoeiras etc., são as classes sociais, as regiões, os graus de escolaridade, enfim, o contexto social por onde a água, no caso a língua, circula e se efetiva através dos falares de cada indivíduo.

Vale ressaltar que a variação linguística, vista como um fenômeno natural da língua é influenciada por diversos fatores linguísticos que podem ser de origem fonética-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical e estilística; e por fatores extralinguísticos, também denominados de sociais, como: geográficos, socioeconômicos, grau de escolarização, idade, sexo/gênero, mercado de trabalho, redes sociais, entre outros (BAGNO, 2006, 2007, 2013). Contudo, mesmo diante da apropriação dessa realidade linguística, a variação, que é o resultado de um funcionamento vivo da língua no meio social, encontramos no meio desse caminho espetacular uma outra realidade, o preconceito e a discriminação, que ataca os mais diversos tipos de diversidades existentes na sociedade, e não é diferente com a língua e suas variações.

A intolerância perante as variantes linguísticas e suas comunidades de fala, se dá através da não aceitação dos registros linguísticos das diversas classes sociais, principalmente por aquelas ditas sem prestígio, como pessoas de classe social baixa, de baixo nível de escolaridade, moradores de zonas rurais etc. O preconceito linguístico atinge simultaneamente a fala/falante em si, que não apresentar os padrões “certos” do bem falar, e também a escrita que trazer em sua essência as marcas dessa oralidade heterogênea. Em vista disso, escritores como Jessier Quirino, que ultrapassam os muros do padrão normativo da língua, tendem a ser afetados por essa tendência preconceituosa, fazendo com que os textos destes autores não cheguem a ser apreciados em livros didáticos ou propostas didáticas nas salas de aula.

A ilusão da unidade e homogeneidade linguística, na maioria das vezes, disseminada pelos puristas, como gramáticos e outros estudiosos conservadores da norma padrão da língua, que veem a língua em si e por si, e não sua propriedade adaptativa e funcional, acaba contribuindo para a propagação das desigualdades sociais através da ampliação das relações de poder, colocando quem fala “certo” em uma posição superior a quem fala “errado”. Conseqüentemente, toda essa opressão linguística acaba fazendo com que os falantes de variedades desprestigiadas deixem até mesmo de desfrutar de diversos serviços essenciais aos quais têm direito, pelo fato de não compreenderem a língua utilizada pelos órgãos responsáveis (BAGNO, 2007).

A exclusão social provocada por mais esse tipo de preconceito, além das tantas já existentes em nossas sociedades, é muito mesquinha, pois coloca o falante em posição de desconhecedor da sua própria língua. Mas, em contraposição, Bagno reconhece que “**qualquer falante de uma língua é o melhor gramático que existe**. Ninguém conhece melhor o funcionamento da língua do que o próprio falante nativo” (BAGNO, 2007, p. 187, grifos do autor).

Sabe-se que tal prejulgamento não tem sentido e acaba trazendo sérias conseqüências para esses falantes, pois condiciona-os a não se aceitarem no seu modo de falar, pode também contribuir para o analfabetismo, já que o ensino da Língua Portuguesa comumente não costuma levar em consideração a realidade linguística dos educandos. A falta de adequação das práticas pedagógicas e dos materiais de ensino e a não valorização da variação linguística da clientela estudantil, acabam distanciando-os de um ensino mais significativo da sua língua materna. Semelhantemente, Bagno (2006), declara que:

Dizer em voz alta que as formas não-normatizadas **também** estão corretas, é impedir que o conhecimento da norma tradicional seja usado como um instrumento de perseguição, de discriminação, de humilhação do outro, ou como uma espécie de saber esotérico, reservado para alguns iluminados de inteligência superior...

Porque o verdadeiro problema, a verdadeira questão social implicada nisso tudo não tem a ver com o fato de se usar a regra A ou a regra B. Tem a ver, isso sim, com o **uso social perverso** que se faz do domínio desse suposto saber (p.160, grifos do autor).

Logo, não há argumentos que permitam a continuidade da estigmatização pautada por preconceitos das variações linguísticas. Se faz necessário um convívio tolerante entre os usos das variações e das formas tradicionais regidas pela norma padrão. É necessária uma democratização da língua! A seguir veremos algumas variações resultantes do processo comunicativo social dos falantes, que coexistem e necessitam de uma convivência harmoniosa na sociedade.

2.1 TIPOS E CAUSAS DE VARIAÇÃO

A língua vem se transformando não é de hoje, mas desde a sua formação, ou seja, vem sofrendo variações até os dias atuais, provando assim, que nunca foi objeto estável e acabado. Esse fenômeno fica mais claro se pararmos para observar alguns vocábulos de origem latina, por exemplo, e vermos toda evolução ocorrida na escrita e na pronúncia. Em seu livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, Bagno expõe oito mitos a respeito do preconceito linguístico, e o primeiro deles é: “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” (BAGNO, 2006, p. 15). Este mito está tão enraizado nos falantes da língua que a maioria acaba não reconhecendo e não se apropriando da evidente pluralidade do português falado no Brasil. Os próprios falantes das inúmeras variedades não se dão conta das adequações sociais que fazem no uso da língua. Seguindo essa linha de raciocínio, Paulista (2016, p. 160 – 162), declara:

[...]a variação está por toda parte, pelo simples fato de existir em todo mundo uma grande variedade de línguas. E não existem por acaso, pois é de suma importância para a vida em sociedade [...] E essa variação inerente às línguas, não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico e nem a possibilidade de comunicação entre falantes.

A variabilidade linguística se dá de diferentes formas, que são impulsionadas por múltiplos fatores externos à língua, dando origem a vários tipos de variação linguística, porém, Coelho *et al* (2010, p.71) ressalta “que essa classificação por tipos não quer dizer que eles ocorram separadamente, e nem que sejam independentes da dimensão interna da variação. Normalmente, o que ocorre é uma combinação dos fatores que condicionam a forma como falamos”. Em decorrência disso, as variações podem ser classificadas em:

Variação diastrática também chamada de variação social, engloba os fatores mais relevantes, inerentes à sociedade, que condicionam a variação linguística, como: faixa etária, nível socioeconômico, grau de escolaridade, gênero, profissão etc. Bortoni-Ricardo (2004), afirma que “esses fatores representam os *atributos* de um falante [...] isto é, fazem parte da individualidade do falante” (p. 49, grifos da autora). Em vista disso, esse tipo de variação pertence a grupos sociais específicos de falantes. Para melhor compreensão, citaremos alguns exemplos:

Nos grupos etários podemos citar as diferenças linguísticas entre gerações, como entre avós e netos. Ambos, para se referirem a alguém em quem estão interessados, podem falar de maneiras bem diferentes, a avó poderia dizer: “*Aquele moço é minha paquera. Ele é um pão!*”. Já a neta: “*Aquele boy é meu crush. Ele é um gato!*” Percebemos que ambas utilizaram expressões próprias de suas gerações. A pesquisa *O fator faixa etária e a concordância nominal na linguagem falada na cidade de Irati, PR*⁵ pode detalhar melhor a intervenção dos grupos etários para as variáveis linguísticas.

Em grupos de status econômico distintos, o falar corresponde ao estrato social ao qual o falante pertence, logo, está submetido ao nível socioeconômico e cultural dele. Esse fator acarreta séria desigualdade social, visto que, em nosso país a divisão de renda é notoriamente muito incongruente. Sendo assim, na maioria das vezes, quem tem maior poder aquisitivo, tem um maior acesso educacional e cultural do que os indivíduos de condição financeira mais precária. Portanto, o primeiro tende a empregar mais formalidade na sua comunicação e o segundo tende a usar variações mais estigmatizadas.

⁵ Ribeiro, V. V.; Ribeiro V., Loregian-Penkal, L. (2009).

Do mesmo modo, e intimamente interligado, o grau de escolarização de um cidadão também vai refletir na forma como ele utiliza a língua, na construção do seu vocabulário etc. É o que poderíamos perceber em um diálogo entre um advogado⁶ (de classe social alta e maior grau de escolaridade) e um morador de rua (com poucos anos de escolarização e classe social baixa). Para saber mais acerca desse condicionador, indicamos a leitura do artigo *Escolaridade e variação na produção escrita: uma análise sociolinguística do fenômeno da concordância verbal*⁷, pois, esta pesquisa traz uma reflexão sobre a intervenção causada pela escolaridade no processo de variação linguística.

O fator gênero exerce sua influência sobre os falares da língua entre homens e mulheres e as demais identidades sexuais e de gênero. O vocabulário masculino tende a apresentar, com mais frequência, o uso de gírias específicas, por exemplo, como: “*cara*”, “*brother*”, “*mano*”; já o repertório de fala feminina apresenta, com mais constância, as marcas de diminutivo, como: “*blusinha*”, “*amorzinho*”. Contudo, é importante salientar, que esse tipo de variação está relacionado aos papéis sociais que cada gênero ocupa na sociedade e que cada falante, apesar da predominância dos usos das variantes citadas e de outras, pode, a partir dos seus anseios comunicativos, reconfigurar seu modo de fala, independentemente da categorização de gênero, ou seja, mulheres podem fazer uso das construções linguísticas pontuadas como marcas do gênero masculino e vice-versa, dependendo do propósito comunicativo. Para um maior aprofundamento acerca da influência do fator gênero sobre as variações e mudanças linguísticas sugerimos a leitura da pesquisa intitulada *A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco*⁸

A profissão exercida por um indivíduo também repercute na formação do seu vocabulário. Geralmente, cada grupo de profissionais, como médicos, policiais, advogados, jornalistas, caminhoneiros etc. desenvolvem modos de falar e expressões específicos da sua área profissional. Podemos citar como exemplo os jargões utilizados pelos médicos, como: “*profilaxia*”, “*cefaleia*”, “*sutura*”, “*fibrilação*”, “*edema*” etc. Trata-se de uma linguagem técnica, que na maioria das vezes é incompreensível por outros falantes da língua.

Vale salientar que essas variantes sociais não devem ser vistas de modo estático, uma vez que são lapidadas no jogo das identidades, necessitando observar os fenômenos dessa ordem de maneira cuidadosa, para não ser determinista, uma vez que tendências não são regras invioláveis, pois, como afirma Hall (2000), os sujeitos pós-modernos estão vivendo em um período, no qual as identidades são formadas e transformadas constantemente através dos sistemas culturais com os quais os indivíduos entram em contato diariamente.

Variação diamésica verifica-se entre as especificidades das modalidades da língua falada e escrita, pois existem expressões ou vocábulos que quando escrevemos usamos as normas gramaticais, já quando falamos fazemos certas mudanças, é o caso de “*vamos embora*” (escrito) e “*vamo embora*” ou “*bora*” (falado), “*para*” (escrito) e “*pra*” (falado), “*eu a ví*” (escrito) e “*eu vi ela*” (falado). Essas variações decorrem pelo fato de que a realização do texto oral se dá de modo espontâneo e improvisado, pois o falante não dispõe de tempo para planejar sua fala, o que a torna mais propensa a variações. O mesmo não ocorre com o texto escrito, já que esta modalidade se realiza em um determinado tempo e espaço planejados, é passível de revisões, de reformulações e, claro, de menos variações (COELHO, *et al.*, 2010). Este tipo de variação também abrange as variações entre diferentes gêneros textuais⁹ discursivos e veículos

⁶ A depender da situação comunicativa, este mesmo advogado também pode variar sua construção linguística para adequá-la ao contexto interativo.

⁷ Freitas (2016)

⁸ Scherre (2011)

⁹ Marcuschi (2008, p.155) define gênero textual como sendo “[...] textos que encontramos na nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos

de comunicação, como a carta pessoal e o WhatsApp, por exemplo, já que o contexto comunicativo desencadeia a necessidade do uso de determinado gênero textual e, conseqüentemente, a configuração linguística mais adequada.

Varição diafásica está relacionada ao uso individual que cada pessoa faz da língua em diferentes contextos de comunicação, ou seja, a situação interacional determina o modo de falar (PAULISTA, 2016). Em uma apresentação de um trabalho acadêmico, por exemplo, o indivíduo certamente fará um uso mais monitorado e formal da língua, entretanto, em uma roda de conversa com amigos, essa mesma pessoa, irá se expressar de maneira mais informal, sem se preocupar em utilizar uma forma mais culta da língua.

Nesse mesmo sentido, ocorre com o meio de comunicação escrita, uma vez que, em uma conversa de WhatsApp podemos nos expressar de forma mais espontânea, utilizando abreviaturas, como “vc”, “tbm” etc. Diferentemente do que exige a escrita em uma redação do ENEM, onde devemos fazer uso da norma padrão.

Varição diacrônica abrange as mudanças da língua ao longo do tempo, através das sucessivas gerações. Como bem ressalta Bagno (2007),

[...] **os falantes mudam a língua o tempo todo**. Porque é isso mesmo que acontece: somos nós, os falantes, que imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tornando ela (sic) mais adequada a mais satisfatória para nossas exigências de processamento mental, de comunicação e interação (p. 166, grifo do autor).

O cartum¹⁰ abaixo é um exemplo dessa variação, pois, podemos observar a mesma situação: a tentativa de um garoto para conquistar uma garota, em duas épocas distintas.

Figura 1: Cartum sobre variação linguística diacrônica



Fonte: <http://linuisticalettras.blogspot.com/2014/10/o-que-e-sincronismo-estudo-sincronico.html>. Acesso em: 12 de ago. 2021.

enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.”

¹⁰ É uma anedota gráfica, uma crítica mordaz, que manifesta seu humor através do riso. Faz referências a fatos ou pessoas, sem o necessário vínculo com a realidade, representando uma situação criativa que penetra no domínio da invenção. Mantém-se, contudo, vinculado ao espírito do momento, incorporando eventualmente fatos ou personagem.

[...]

O cartum pode ser considerado a expressão gráfica de uma narrativa humorística. Se necessário, pode recorrer à legenda, podendo inserir elementos dos quadrinhos, como balões, onomatopéias (sic) e divisões de cenas. Sua ocorrência opera em cima de situações (ARBACH, 2007, p. 212).

O pronome “*Vossa mercê*” passou por sucessivas mudanças ao longo do tempo até tomar a forma atual “você”. Esse processo de mudança da língua é gradual, em que palavras ganham novos significados, algumas entram em desuso, outras são incorporadas ao léxico da língua, outras sofrem alteração na escrita, mas não na pronúncia ou vice-versa.

Varição diatópica também conhecida como variação geográfica ou regional, já que, abrange os modos de falar de diferentes lugares e regiões do Brasil. É possível verificar esse tipo de variação na comparação entre falantes de duas regiões diferentes, por exemplo, como do Sudeste e do Nordeste brasileiro. De acordo com Coelho *et al* (2010, p.76),

O aparato teórico-metodológico da Sociolinguística nos equipa para que possamos sair de um nível impressionístico (e, às vezes, caricato) da variação geográfica e descubramos quais são exatamente as marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma região em relação à de outra.

Essas marcas podem estar expressas em vocábulos específicos, no ritmo entonacional e em particularidades fonológicas. Não nos deteremos, aqui, a mais aspectos sobre a variação diatópica, pois, no tópico a seguir, ela será discutida de maneira mais específica.

2.2 A VARIAÇÃO REGIONAL COM ÊNFASE NA NORDESTINA

Como destaca Bagno (2007, p. 29): “[...]diferença não é deficiência nem inferioridade”. Logo, vemos o quanto é urgente um entendimento social de que as diferentes variantes que se estabelecem dentro da nossa língua não devem ser fios condutores para prestigiar ou excluir um indivíduo, pelo contrário, devem ser encaradas como marcas identitárias de cada comunidade de fala, pois carregam em si sua cultura, seu modo de viver etc. Seguindo esse viés de raciocínio, Bortoni-Ricardo (2004) se posiciona:

Essas crenças sobre superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na sociedade brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais (p. 33).

A amplitude territorial do Brasil é um dos fatores determinantes para a imensidade de possibilidades de uso da língua portuguesa em nosso país, assim como a grande influência dos falares dos colonizadores, escravizados, indígenas etc.

A variação diatópica ou regional, que se constitui em mais um tipo de variação, pode ser tanto de ordem lexical, morfológica quanto semântica, sintática ou fonético-fonológica, sendo que, no Brasil, tal variação se manifesta mais na pronúncia de alguns sons, no ritmo, na melodia e em algumas palavras (BORTONI-RICARDO, 2004). Algumas regiões têm características tão marcantes que é possível identificar geograficamente um falante pelo seu modo de falar. Em vista disso, é que vamos aqui apreciar algumas das diversas variações existentes de norte a sul do Brasil:





Cortar a última sílaba das palavras ou fazer a junção de palavras é uma marca do falar mineiro. Podemos observar essa variante na expressão “*facideia*”, derivada das palavras “*faço*” e “*ideia*”. Para negativar a expressão, eles fazem uso da variação sonora do vocábulo “*não*”, através do apagamento da vogal /a/ e da representação da nasalização do til (~) por meio do fonema /m/, portanto “*num facideia*”.

A letra “r” pós-vocálica (porta, sorte, carta) apresenta uma rica variedade de pronúncia no território brasileiro. Podemos ouvir o popular /r/ caipira, foneticamente chamado de retroflexo que, segundo Bortoni-Ricardo (2004), é popular nas zonas rurais de Minas Gerais, São Paulo e Goiás. Há o /r/ carioca, importado da França, que é enunciado como se saísse do interior da garganta dos falantes do Rio de Janeiro. Já nas cidades sede do Norte, do Nordeste e em Belo Horizonte, os falantes o pronunciam com mais suavidade, é o /r/ gutural, articulado na parte posterior da boca. Em Curitiba, na capital de São Paulo e em parte do Rio Grande do Sul articulam o som do /r/ com a ponta da língua vibrando (ZIMMERMAN, 2014).

Além destas variantes, e muito mais comum por ocorrer na maioria das regiões brasileiras, é o desaparecimento do /r/, principalmente nos infinitivos verbais (*varrer* > *varrê*; *estudar* > *estudá*; *vender* > *vendê*; *cumprir* > *cumpri*) (BORTONI-RICARDO, 2004).

A variação diatópica também abrange as diferenças nas nomeações de seres, objetos, alimentos etc., de modo que um mesmo elemento pode ser nomeado de diferentes formas a depender da localidade, englobando variante lexicais, como podemos ver a seguir.

Quadro 1: Variação linguística na nomeação de elementos de acordo com a região

	Abóbora (Sul, Sudeste e Centro-Oeste)	Jerimum (Norte e Nordeste)	
	Dindim (Nordeste)	Sacolé (Rio de Janeiro)	Chup-chup (São Paulo)
	Papagaio (São Paulo e Rio de Janeiro)	Arraia (Bahia)	Pandorga (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina)
	Canjica (Nordeste)	Curau (São Paulo)	Canjiquinha (Cidade do Rio de Janeiro)
	Pinha (Nordeste)	Fruta do conde (Sudeste)	
	Farol (São Paulo)	Sinaleira (Sul)	

Fonte: Elaboração própria (2021)

Na região Nordeste, encontramos um dialeto carregado de uma riqueza cultural, (com isso não estamos depreciando o prestígio dos demais) e uma imensa variedade linguística de vocabulário, expressões etc.: o dialeto nordestino. Este se configura como uma variação que

expressa o estilo de vida de um povo. No âmbito fonético dos falares nordestinos, encontramos, por exemplo, as vogais /e/ e /o/ pronunciadas abertas na sílaba que antecede a tônica, como nos seguintes vocábulos: c[ó]ração, R[ó]berto, r[é]dondo. r[é]moto, v[é]rdade, pr[ó]curar. Também há a pronúncia do /t/ como uma consoante linguodental diante de /i/, equivalente à pronúncia que realizamos nas palavras tudo, todo, telha, tábua, por exemplo (BORTONI-RICARDO, 2004).

Para que possamos observar um pouco mais os falares nordestinos, no quadro abaixo, veremos alguns vocábulos e expressões dos nove Estados que compõem essa região, bem como seus significados:

Quadro 2: Falares da região nordestina

ESTADO	VOCÁBULOS E EXPRESSÕES NORDESTINAS	SIGNIFICADO
PERNAMBUCO	<i>Baratinado</i>	Pessoa sem rumo.
	<i>Morgado</i>	Desanimado.
PARAÍBA	<i>Avexada</i>	Uma pessoa que está apressada.
	<i>Só quer ser as pregas</i>	Expressão utilizada para se referir a alguém que é metido, que se acha.
RIO GRANDE DO NORTE	<i>Môca</i>	Pessoa que parece surda, que nunca escuta o que os outros falam.
	<i>Arenga</i>	É o mesmo que briga, confusão.
CEARÁ	<i>Diabeísso</i>	É o modo como os cearenses dizem “que diabo é isso?”
	<i>Arriégua</i>	É como se fosse o “uai” do mineiro ou o “oxe” dos pernambucanos. A palavra não tem bem um significado próprio, mas pode ser empregada em qualquer lugar.
PIAUI	<i>Caçar conversa</i>	Remete à arrumar briga, confusão.
	<i>Ficar bestando</i>	Ficar à-toa, sem fazer nada.
MARANHÃO	<i>Armaria</i>	É uma abreviação para Ave Maria, usado para expressar espanto, surpresa.
	<i>Parêa</i>	É o mesmo que limites, então é dito que a pessoa não tem “parêa”, ou seja, não tem jeito.
BAHIA	<i>Tô na bruxa</i>	Estar com raiva.
	<i>Migué</i>	É o mesmo que vacilar, enrolar, tentar falar algo só para convencer alguém.
SERGIPE	<i>Acoitar</i>	É o mesmo que esconder.
	<i>Afolozar</i>	Algo estragado, frouxo demais.
ALAGOAS	<i>Iapoís</i>	É o modo como os alagoanos dizem sim.

	<i>Pagar sapo</i>	É o mesmo que passar vergonha.
--	-------------------	--------------------------------

Fonte: <https://pv.org.br/girias-nordestinas-uma-particularidade-que-so-o-nordeste-tem/>. Acesso em: 17 de ago. 2021

O quadro 2 mostra várias construções linguísticas utilizadas por falantes das unidades federativas do Nordeste brasileiro, entretanto, vale salientar que essa organização, aqui apresentada, não é um padrão fechado, uma vez que algumas dessas expressões linguísticas são utilizadas com predominância em mais de um estado, embora haja diferença quanto à frequência de uso. É o caso dos vocábulos *môca* e *arenga* que estão colocados para o Rio Grande do Norte, porém são muito utilizados no estado da Paraíba, por exemplo.

Toda essa pluralidade de falares demonstra a diversidade cultural que existe em nosso país, como também o poder que cada falante tem sobre a língua ao fazer uso dela em suas interações sociais e, assim, contribuir para todo esse processo de variabilidade. Assim, como as demais regiões, o Nordeste também possui uma língua viva, embora estereotipada, por uma parte da sociedade que se acha superior ou até mesmo pela mídia, devido ao preconceito linguístico que está arraigado na sociedade, e que venda os olhos de muitos, não os deixando enxergar o potente conhecimento que cada falante tem sobre sua língua e seus usos. Conhecimento este, que os capacita a ponto de, com grande maestria, ocasionar essas transformações linguísticas que acarretam cada vez mais funcionalidade à sua língua nativa.

Encontrar uma variação estigmatizada, como a nordestina, em produções literárias costuma causar estranheza, afinal, historicamente a prosa e a poesia sempre tiveram uma estreita relação com as formas de prestígio. Contudo, alguns escritores com o objetivo de representar, através da sua arte, a cultura e a identidade do povo nordestino, como também de diminuir o preconceito que ataca essa parcela da sociedade, seja no seu modo de viver, como nos seus falares, trouxeram para seus textos as marcas da vivência social dessas pessoas. Um desses escritores, o qual nos deteremos na seção seguinte, é Jessier Quirino que com suas poesias e seus proseados vem levantando a bandeira da desconstrução do preconceito linguístico ao resgatar o português sertanejo do Nordeste.

3 JESSIER QUIRINO E A POESIA “MATUTA”

Considerando que um dos intuítos deste trabalho é incentivar a prática da leitura e a valorização da variação regional nordestina, optamos em propor essa mediação a partir dos poemas de Jessier Quirino, que trazem elementos e costumes da nossa cultura. Sendo assim, tal direcionamento nos levou a pesquisar e expor aqui um pouco da sua trajetória, das suas inspirações e sobre a construção de suas produções literárias, que poetizam o viver e o falar matuto da região Nordeste.

Ao tratarmos de literatura, podemos considerar a relação desta com a sociedade, defendida por Cândido (2006, p. 32) ao afirmar que,

[...]justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista. Estas seriam nela tudo, se fosse possível o solipsismo; mas na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (como alguém para quem se exprime algo), é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência.

Portanto, a arte literária integraliza um conglomerado de aspectos acerca dos valores sociais que os indivíduos tem em comum, assim como suas peculiaridades individuais, que se complementam no processo de socialização do homem.

Jessier Quirino é paraibano, natural de Campina Grande, onde estudou no Instituto Domingos Sávio e no Colégio Pio XI. Após concluir o ginásio, mudou-se para a cidade do Recife, onde estudou no Colégio Esuda. Depois retornou para a Paraíba, onde cursou Arquitetura na UFPB, graduando-se em 1982.

Em 1983 passou a residir na cidade de Itabaiana. Exerceu a profissão de arquiteto, mas interrompeu a atividade e passou a se dedicar a carreira de poeta, compositor e artista de palco. O poeta apresenta-se declamando versos autorais e narrando causos de nordestinidade apurada.

Nosso primeiro contato com o escritor Jessier Quirino foi através de um aparelho de som, ouvindo-o declamar alguns de seus poemas, e sua temática já nos chamou a atenção, principalmente nos poemas “Isso é cagado e cuspidado paisagem de interior” e “Vou-me embora pro passado”. Depois, através de vídeos, que foi quando pudemos observar as expressões faciais, a sutileza dos gestos a cada verso declamado e, por último, através do texto escrito.

O linguajar nordestino e a exaltação da rica cultura popular encontrada em tal literatura nos chamou a atenção, pois encontramos uma linguagem literária que se desnuda um pouco da formalidade da língua, da erudição das palavras e optou por se aproximar dos vocábulos utilizados no dia a dia dos nordestinos, muitas vezes chamado de “matutês”.

Jessier Quirino se auto define como “Arquiteto por profissão, poeta por vocação e matuto por convicção”. É um “prestador de atenção” da cultura popular nordestina, em especial do matuto sertanejo, do seu modo de vida e do seu linguajar, que é marca registrada em seus escritos. Acerca disto, ele diz:

Com meu apurado poder de observação quase de um rastejador, foi imprimindo um estilo, digamos, descritivo a minha poesia. Registrar com doses de fidelidade o bucólico, a cena doméstica, os objetos, os bichos, a fraseologia, a força, a bravura, a alma do homem simples... resgatar expressões e objetos ofuscados pelo tempo, lapidar a palavra e embrulhar com graça e surpresa, tornar o errado certo na ótica do matuto... tudo isso passou a ser a marca registrada da minha poesia¹¹ (QUIRINO, s.d.)

Jessier Quirino lançou o seu primeiro livro “*Paisagem de Interior*” em 1998. Alguns de seus escritos também foram lançados em CD, ponto de destaque, pois tornou seu trabalho mais democrático, já que pode alcançar um público não leitor que pode se sentir valorizado em seu trabalho. Além de “*Paisagem do Interior*” (1998), publicou: “*Agruras da Lata D’água*” (1998), os CDs “*Paisagem do Interior I*” (1996), “*Paisagem do Interior II*” (1999), “*Política de Pé de Muro*” (2002), “*Prosa Morena*” (livro e CD, 2005), “*Berro Novo*” (livro e CD, 2009), “*Papel de Bodega*” (livro e CD, 2013), “*Bandeira Nordestina*” (livro e CD, 2019), “*Chapéu Mau e Lobinho Vermelho*” (2019 – Literatura Infantil), “*Vizinhos de Grito*” (DVD – gravado ao vivo no Teatro da Boa Vista, no Recife, 2013) dentre outros.

Em *Paisagem de Interior*, poema-título e carro-chefe desse livro, Jessier Quirino descreve, em versos, o palco, as tramas e os atores da cena interiorana. Em *Agruras da Lata D’água*, através dos versos poéticos/populares, o poeta, consegue, não cair na vulgaridade ao recriar, com renovado humor e sensibilidade, a vida da nossa gente interiorana, tão brasileira, tão amável, tão autenticamente especial.

Jessier Quirino compilou em seu livro *Política de Pé de Muro – O Comitê do Povão* 195 fotos de propagandas políticas de candidatos a vereadores de municípios do interior da Paraíba, a fim de provar que os nomes citados por ele em seus shows não eram invenções, pelo

¹¹ Citação do poeta disponível em seu site oficial: <https://jessierquirino.com.br/sobre/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

contrário, representavam a realidade, já que no interior a maioria das pessoas são mais conhecidas por seus apelidos.

Prosa Morena, é uma obra em que o autor traz o cordel, o romance, o popular, o regional e até uma postulada “literatura oral” como seus principais ingredientes. Em *Berro Novo*, Jessier representa, através da poesia, dos causos e canções, os terreiros nordestinos, a fala dos matutos, com as devidas reservas ou críticas em defesa das nossas tradições. Na obra “*Papel de Bodega*”, os versos dão continuidade ao estilo da “*poesia matuta*”, retomando as expressões da fala matuta sem preconceitos, de forma natural, num formato livre.

Na obra infantil, *Chapéu mau e lobinho vermelho*, Jessier Quirino faz uma releitura do clássico Chapeuzinho Vermelho através de uma linguagem simples e bem-humorada com a temática do respeito e preservação do meio ambiente.¹²

Assim, é possível notarmos que a poesia “matuta” de Jessier Quirino é revestida da variação linguística regional do sertão nordestino, através do destaque dado aos valores, costumes, ambiente, modo de viver etc. do matuto dessa região. Sua vivência em espaços rurais, desde criança, contribuiu para a construção do seu estilo literário. O mesmo destaca que:

O privilégio de ter sido criança no interior do Nordeste e de ser devoto da sabedoria e da simplicidade do matuto sertanejo, fez com que eu me tornasse um *prestador de atenção* das coisas do mato. [...]

Mergulhei mais fundo nos mares da matutice, num longo período em que o Sertão de Jericó, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz e mundo a baixo, me hospedou com fartura, “sorridão” e calor. Conheci: do Arrubação ao peido de carretilha, do requifite do pavão ao coice do preá, do róseo do muçambê ao mosqueiro preto da cozinha. Tudo isso ao som e muita prosa, muita reza, causos e mal-assombros cheios de nordestinismos (QUIRINO, 1996, p. 9-10, grifos do autor).

Além de suas experiências interioranas, Jessier bebeu de outras inspirações, como: Ciço Galinha, um grande amigo de infância e matuto; os repentistas com suas declamações improvisadas; as poesias matutas de Zé da Luz e Zé Laurentino; as músicas de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Manoelzinho Araújo, entre outros.

Jessier Quirino vem, através de suas produções, salvando o país, inclusive, os próprios nordestinos, de esquecerem um falar tão vivo de um povo cheio de cultura, que são os sertanejos nordestinos. Apresentar em sua literatura o vocabulário matuto, que é fruto da interação social de um povo tão estigmatizado pela sociedade, foi um passo grande em prol da desconstrução do preconceito linguístico.

Mesmo sendo uma pessoa de prestígio, com alto grau de escolarização, acesso a bens materiais e culturais e que domina o uso de uma variação urbana mais monitorada, Jessier decidiu introduzir em seus escritos, características linguísticas regionais, visando a valorização da cultura de seus conterrâneos nordestinos, que por muitos, são equivocadamente tachadas de “erros”, pois, tradicionalmente, acredita-se que a variação linguística deriva do erro, ou seja, tal pessoal fala de tal maneira pelo mero fato de não saber o padrão dito “certo” da língua. Porém, conforme discutimos na seção 2, as variações não representam “erros”, tratam-se, portanto, de elementos de comunicação de uma comunidade de fala, sendo assim, são resultados das suas vivências e interações sociais. Nesta linha de pensamento, Antunes (2007, p. 107) discorre:

[...] a norma de cada um, que é a norma de sua região [...] é marca da identidade cultural de seu grupo. Alterar-lhe, pois, os padrões da fala é descaracterizar essa fala, é tirar dela aquilo que faz a originalidade de sua

¹² Spoilers citados a partir do site oficial do poeta: <https://jessierquirino.com.br/sobre/>

feição. Passar para outra norma, por exemplo a letra das canções de Luíz Gonzaga ou os poemas de Patativa do Assaré é apagar desses textos a marca de seu enraizamento cultural. É tirar-lhes seu sabor, seu gosto da terra; sua graça. É desfazê-los, afinal.

Nosso intuito nesse trabalho não é fazer análises dos escritos do poeta Jessier, porém, para tornar mais clara a significância da nossa proposta, que é de fazer uso da literatura matuta de Jessier Quirino nas aulas de LP no tocante a variação linguística, observemos um trecho do seu poema “*Bonito é ver o bonito*”, que compõe o livro *Agruras da Lata D’água*, em que Jessier traz um pouco da cultura, do ambiente e da variação linguística nordestina, como podemos ver a seguir:

BONITO É VER O BONITO

*Bonito é cisterna cheia
E o milhará penduado
Dez batalha de sossego
Com dez inverno passando
E o azul fino dos olhos
Da caboca me olhando.*

*É ver arame farpado
Sem nem precisar farpar
Com todos chei de fartura
Cada qual com cada quá
É tudo parede-meia
Não se vê cabra de peia
Nem bicho pra chiqueirar*

[...]

(QUIRINO, 1998, p.60)

Nesse poema, podemos observar o destaque dado as belezas nordestinas sob o olhar de um eu lírico nordestino. Traz o elemento água, ao citar “*cisterna cheia*” e “*inverno passando*”, que é indispensável para o povo dessa região, sendo de suma importância para uma de suas principais atividades, a agricultura, que também é representada nos versos: “*E o milhará penduado; Dez batalha de sossego; Com dez inverno passando*”. Sabemos que um bom inverno é sinônimo de fartura, ou seja, de colheita sossegada. E o cultivo do milho, assim como outros, é muito dependente de um inverno abundante. Culturalmente é plantado no mês de março após às primeiras chuvas, sendo escolhido por muitos o dia 19, que é dia de São José.

Na segunda estrofe, apreciamos um costume típico dos agricultores, o uso das cercas de arame farpado, que circundam as propriedades e áreas de plantio: “*É ver arame farpado; Sem nem precisar farpar; Com todos chei de fartura; Cada qual com cada quá*”. Notamos, que o autor, fez uso de variações linguísticas regionais, de ordem fonética, em alguns versos, entre elas podemos citar:

No segundo verso da primeira estrofe ocorre a variação “*milhará*” > *milharal*, através da supressão do /l/ final em palavra oxítona, que segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 94) “é um

traço descontínuo¹³, característico dos falares rurais”. No quarto verso da segunda estrofe, encontramos outra variação deste mesmo tipo, em “*quí*” > *qual*. Em ambas ocorrências foi adicionado um acento agudo para representar na escrita a tonicidade da oralidade.

Bortoni-Ricardo (2004) destaca que, na maioria das variedades do português brasileiro, as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas /i/ e /u/ respectivamente, quando advém em sílabas átonas, anteriores ou posteriores à sílaba tônica. Esse fenômeno ocorre no segundo verso da primeira estrofe com a variação “*penduado*” > *pendoado*, onde observa-se a elevação da vogal /o/ para /u/ em posição pretônica.

Na ordem léxico-semântica, encontramos no quinto verso da segunda estrofe a expressão “*cabra de peia*”, comumente utilizada pelos nordestinos para se referirem a um homem sem escrúpulos. Podemos citar, também, apenas o vocábulo “*cabra*” que, no Nordeste, pode se referir tanto ao animal como ao homem.

No viés morfossintático, ocorre uma variação que, segundo Bortoni-Ricardo (2004), já está bem difusa em nossa língua, que é a eliminação da marca de plural. No terceiro e quarto versos se observa as ocorrências “*Dez batalha*” e “*dez inverno*”, que correspondem a esse fenômeno variacional, pois percebemos a ausência da marcação do plural no segundo elemento dos sintagmas, não concordando assim com o numeral “*dez*” que indica mais de um.

Considerando a produção literária e os fenômenos linguísticos, Jessier Quirino estiliza seus escritos a partir de um monitoramento linguístico das variantes já citadas na análise do poema *Bonito é ver o bonito* entre outras. Portanto, essas variantes se agrupam no gênero literário de Quirino, trazendo uma perspectiva estilística literária para suas obras.

Ao entrar em contato com a poesia matuta de Jessier Quirino é impossível não notarmos o resgate cultural da vivência e do falar nordestino. A construção da linguagem utilizada pelo poeta, possível através da liberdade de criação que assiste aos escritores de textos literários, consegue além da valorização da cultura de um povo, também aproximar duas modalidades da língua, a falada e a escrita.

Em seu livro “*Paisagem de Interior*” (1996), encontramos, inclusive, uma nota que diz: “*Leve-se em conta que, neste livro, o autor, ao reproduzir o linguajar do Nordeste, afastou-se deliberadamente dos rigores das leis ortográficas vigentes*”¹⁴. Assim, com seu modelo estilístico e contextual empregado em suas obras, Jessier Quirino consegue romper com o preconceito linguístico e estreitar a relação entre fala e escrita, entre a norma padrão e as variantes linguísticas, através de uma escrita que democratiza os falares de uma língua. Isto posto, apresentaremos, a seguir, nossa proposta pedagógica construída em torno da escrita deste autor.

4 DAS NOTAS METODOLÓGICAS À PROPOSTA DE ATIVIDADE

Com base na problemática que norteia este trabalho a respeito do fenômeno da variação linguística, nossa pesquisa segue um percurso de caráter qualitativo, pois, segundo Silveira e Córdova (2009, p. 32):

¹³ Segundo Bagno (2007), divide os traços linguístico dos falantes brasileiros em dois grupos. O primeiro, chamado de traços graduais, que abrange as variações utilizadas por todos, sem distinção de grupos. O segundo, denominado de traços descontínuos, são as variações, cujos falantes que as utilizam sofrem uma carga de preconceito e discriminação mais pesada, por serem de origem social humilde, rural etc.

¹⁴ Notas semelhantes a esta também estão contidas nas obras “*Agruras da Lata D’água*”, “*Berro Novo*” e “*Bandeira Nordestina*”, aos quais tivemos acesso, logo, subentende-se que esteja presente nas demais.

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Considerando nossa discussão e visando alcançar os objetivos traçados, vamos expor a seguir uma proposta de intervenção pedagógica voltada para aulas de LP, em turmas de nível fundamental, que tenham como objeto de conhecimento a variação linguística. Para tanto, esta proposta está dividida em quatro momentos estratégicos que possibilitarão a discussão, apreciação e reflexão no tocante a variação linguística. Dessa forma será possível garantir aos estudantes o desenvolvimento de uma das competências específicas de Língua Portuguesa elencada pela *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 86): “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”.

No desenvolvimento da nossa proposta, apresentaremos um poema do poeta Jessier Quirino, visto que é evidente, como já foi mostrado nesse artigo, o estilo empregado na sua escrita que é quase um estudo etnográfico da cultura, dos costumes e, principalmente, da linguagem do povo do sertão nordestino. Promover esse contato dos alunos com esse estilo de escrita possibilita um ensino mais significativo e a formação de alunos cidadãos críticos e respeitosos no tocante as diferenças. A seguir, faremos uma exposição do plano de aula e um delineamento acerca das ações pedagógicas a serem executadas durante os momentos didáticos propostos.

4.1 A LITERATURA MATUTA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE

Considerando a necessidade de uma abordagem em relação à nossa realidade sociolinguística, desenvolvemos uma proposta de atividade em que quatro momentos didáticos se articulam para fazer com que os educandos identifiquem, compreendam e respeitem o fenômeno da variação linguística. Traremos como sugestão de leitura o poema “*No Terreiro da Fazenda*”¹⁵, porém, cada professor, que tiver interesse em executar esta proposta, pode selecionar outras produções do autor Jessier Quirino, de acordo com o nível de cada turma. Estes momentos estão organizados no plano de aula a seguir e descritos, logo após, de forma mais detalhada.

Quadro 3: Plano de aula

PLANO DE AULA
Tema da aula: A cultura na variação linguística
Objetivos: Compreender que o fenômeno da variação linguística pode se caracterizar em resultado da região, da situação comunicativa e de algumas características sociais dos falantes; Contribuir para a desconstrução do preconceito linguístico, manifestando conduta respeitosa ante as variedades linguísticas e seus falantes.
Objeto do conhecimento: Variação linguística

¹⁵ Este poema faz parte do livro “*Paisagem de Interior*” (QUIRINO, 1996, p. 98 – 100).

Prática de linguagem: Análise linguística/semiótica e Oralidade
Habilidades da BNCC: (EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos. (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.
Metodologia: 1º e 2º Momentos – Aula expositiva/dialogada em roda de conversa, leitura; 3º Momento – Pesquisa com familiares e pessoas da comunidade; 4º Momento – Aula dialogada, roda de conversa.
Recursos: Projetor multimídia, computador e texto xerocado.
Avaliação: Ocorrerá de forma contínua através da observação da interação dos educandos durante os momentos e atividades propostas.

Elaboração própria (2021)

1º Momento: roda de conversa

O professor pode organizar, previamente, as carteiras em semicírculo para a realização de uma roda de conversa. Para iniciar o diálogo, o docente pode expor, através de slides, os seguintes questionamentos:

- *Vocês já foram a algum estado ou cidade seu próprio estado onde as pessoas falam um português diferente do que vocês falam?*
- *Há colegas aqui na escola que falam diferente? Usam expressões diferentes?*
- *Há pessoas na sua família que se expressam de uma maneira diferente?*

Esses questionamentos serão instigadores para o diálogo na roda de conversa e possibilitará ao professor fazer um levantamento acerca do conhecimento prévio dos estudantes sobre o fenômeno da variação linguística. À medida que forem sendo feitas as indagações, estas abrirão espaço para diferentes respostas, inclusive, para a exposição do preconceito linguístico, pois alguém poderá responder, por exemplo, que conhece uma pessoa que só fala errado, simplesmente por utilizar uma variante mais estigmatizada.

Neste momento, não deve haver a interferência do professor no que diz respeito a corrigir os educandos, pois eles estarão expressando suas opiniões que, possivelmente, estarão pautadas pelos conceitos de “certo” e “errado” que acompanham a avaliação social acerca das mudanças da língua ao longo do tempo. Vale ressaltar que os estudantes podem expor também um posicionamento mais crítico e consciente sobre a temática, em virtude deste objeto de conhecimento, possivelmente, já ter sido abordado em anos anteriores.

Após exporem suas opiniões, experiências etc., a atividade seguirá para o momento seguinte.

2º Momento: exposição textual

Após às discussões do momento anterior, o professor questionará novamente os alunos:

Falamos sobre diferentes modos de falar, ou seja, como as pessoas oralizam a língua portuguesa de variadas formas. Mas, e a escrita? Vocês acham que é possível, ou já viram, em produções textuais essas diferenças linguísticas?

No Terreiro da Fazenda

*Olhando o terreiro da casa do mato
tem coisa engraçada pra se repará
caboca varrendo pra lá e pra cá
com laço de fita no mêi do cangote
matuto conversa miolo de pote
grudado num rádio da R C A
se senta no toco do pé de juá
se rindo do frango in riba da franga
menino buchudo chupando uma manga
com o bucho breado que chega a brilhá*

*Matuto leiteiro chêi de nove hora
encosta o jumento pra se apiá
todo labrojeiro se põe a andá
pra junto dos outros se baixa de coca
tem o carcarejo da galinha choca
é pinto e pintinho danado a piá
jumento leiteiro querendo espantá
a mosca voando na sua ferida
vai mexendo o couro, mas logo em seguida
já tá se coçando no pé de juá.*

*Se vê um meu-lôro na saia da porta
com seu curupaco sabento falá
a blusa da porta querendo fechá
derruba o coitado do bicho falante
o pulo do gato ali adiante
assusta o cachorro no seu cochilá
no mêi do alpendre do lado de lá
tem um garajal com cem rapadura
matuto melado carrega a doçura
pro lombo do burro com dois caçuá.
Dá um pé de vento as cinco da tarde
tem bode e cabrito querendo chegá
parece uma cruz a lhe maltratá
a canga do bode no pé do pescoço
Pedim Aluado faz um alvoroço
pra o pote chêi d'agua não se derramá
também nessa hora começa a chegá
guiné e galinha piru e pavão*

*com cinco minuto não tem um no chão
vão s'aboletando no pé de juá.*

*Didi e Mimosa de Maria Pombo
ajeita o cabelo, no pega-rapaz
a nêga Marica de Chico Tomás
catando piolho em Têca e Tequinha
o Aleijadinho de Dona Zefinha
balança o pezinho tangido pra trás
moleque sabido capeta e vivaz
judia na pedra catorze menino
e o ajumentado do Zé Virgulino
vem coçando o saco pra frente e pra trás.*

*E vem do roçado Seu Zinho Pachola
trazendo um balaio sem se ajudá
cachorro baleia querendo acuá
leva uma pesada dispara grunhindo
a gema do sol tá quase se indo
também tá se indo o pessuá
vem Maria Pombo trazendo um cajá
com uma de cana pro Véio Pachola
que lá na carroça de fecho de mola
da uma golada e vai se banhá.*

(QUIRINO, 1996, p. 98)

Sugerimos que esse momento seja de apreciação textual, da leitura como deleite, mas que também aconteça uma leitura interpretativa, de forma que fique explícito que há uma identidade social representada pelas nordestinidades presentes no texto.

Durante e após à declamação do texto, o professor pode observar se algum aluno o questiona com relação à pronúncia de algum vocábulo, ou se o poema causa estranheza ou risos com relação às situações descritas ou aos termos e às expressões. Em seguida, o professor poderá fazer a distribuição de xerox do texto escrito para que os discentes façam uma leitura coletiva e vejam que a forma como o professor oralizou o poema está marcado na escrita.

Após isso, o professor poderá mediar uma reflexão sobre como o eu lírico faz uso da língua portuguesa, neste poema, e questioná-los se as descrições das situações e do espaço são familiares para eles.

Presumimos que esse, pode ser um momento significativo, em que poderá ser feita uma exploração acerca das impressões causadas pelo poema nos alunos. Principalmente, se a escola for localizada no campo ou mesmo se estiver em zona urbana e receber alunos do campo, pois estes como são mais propícios a fazerem uso dessa variação, se sentirão representados.¹⁶

É sugestivo que nesta etapa da atividade, o professor traga para a turma o conceito de variação linguística, explanando um pouco sobre os fatores que ocasionam esse fenômeno da língua.

A partir daí, o professor pode aproveitar para apresentar o autor do poema, expondo sua origem, sua apreciação pela cultura nordestina e sua habilidade de representar, através da

¹⁶ Fazemos essa ressalva, pois essa variação utilizada por Jessier é mais comum em falantes de áreas rurais do Nordeste.

escrita, o que se realiza no discurso oral e no modo de vida, especialmente, do matuto sertanejo que vive no sertão nordestino.

É esperado que o desvio da norma urbana de prestígio e, conseqüentemente, das normas ortográficas chamem a atenção dos alunos, e é neste instante, que o educador pode deixar claro que essa é justamente a representação do nordestino em ambientes do seu cotidiano, como nos terreiros, nos roçados, em uma bodega, dialogando com pessoas do seu convívio diário (familiares, amigos, vizinhos etc.) que fez com que ele optasse pelo registro dessa variação da língua, pois é assim que os matutos sertanejos manifestam seus falares. Sendo assim, os alunos conseguirão compreender a relação existente entre modo de vida, cultura e a transformação da língua.

Logo depois, o professor poderá solicitar que os alunos destaquem no texto os termos cujo significado eles desconhecem. Em seguida, pode orientá-los a fazerem uma pesquisa sobre esses elementos em sua comunidade, consultando familiares, vizinhos etc., onde na ocasião poderão fazer anotações para compartilharem com a turma na etapa seguinte.

3º Momento: pesquisa

Esta etapa pauta-se nos vocábulos e expressões desconhecidas pelos educandos. Os estudantes poderão conversar com pessoas da sua família e/ou da comunidade onde vive, provavelmente mais velhas, sobre o sentido desses elementos elencados na aula e fazer anotações sobre tais registros.

Essa conversa dará a oportunidade dessas pessoas compartilharem seus conhecimentos linguístico e cultural, contribuindo para a desconstrução do preconceito linguístico, pois esses alunos perceberão que essa variação linguística apresentada por Jessier tem uma funcionalidade social na vida desses falantes e que todas essas marcas da oralidade tem uma origem na vivência e nos costumes de uma determinada comunidade.

4º Momento: troca de saberes

Neste momento final, o professor poderá novamente organizar as carteiras em semicírculo. É o momento em que os educandos poderão compartilhar suas anotações sobre a pesquisa realizada, apresentando as definições que obtiveram, relatando como as pessoas consultadas por eles reagiram, e através da mediação do professor podem fazer comparações entre as explicações dadas para termos em comum, destacados por mais de um estudante.

Diante dessa exposição de troca de saberes, o professor pode aproveitar para encaminhar um espaço de conscientização de que essas e outras variações se dão em decorrência da vivacidade e funcionalidade da língua, e que esta não carrega erros ou acertos, mas sim adequação à situação comunicativa de uma comunidade de fala.

Espera-se que os estudantes percebam que a língua pode variar em espaços geográficos e sociais diferentes ou em um mesmo espaço. Cabe, aqui, abrir um espaço de reflexão sobre o respeito com relação aos falantes e ao uso da língua feito por eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi exposto ao longo deste trabalho, constatamos que os estudos da Sociolinguística acerca da variação linguística nos levam a reconhecer e refletir sobre essa manifestação real da língua a partir da sua heterogeneidade e dinamicidade, que se justifica através dos diversos usos feitos por seus falantes em situações comunicativas concretas.

Compreendemos que diversos fatores, internos e externos à língua, condicionam o surgimento das diversas variantes. Portanto, a fala pode carregar marcas ligadas a condicionadores linguísticos que podem ser de nível lexical, fonológico, morfológico, sintático e/ou discursivo, e a condicionadores extralinguísticos que é a influência causada pela região geográfica, aspectos sociais como faixa etária, sexo/gênero, grau de escolaridade, faixa etária, classe econômica entre outros fatores.

Contudo, mesmo com tantas teorias que buscam explicar essa propriedade da língua como um fenômeno natural e social, ainda há muitos caminhos a trilhar para sensibilizar e desconstruir as barreiras erguidas pelo preconceito linguístico, pois este também tem seus alicerces fixados ao longo do tempo. Essa intolerância diante das notórias e incontestáveis transformações ocasionadas na língua por suas comunidades de fala, vem contribuindo cada vez mais para uma auto exclusão social do próprio falante que acaba absorvendo a falsa ideia de que ele não sabe a própria língua. Ora, o falante modifica sua língua para atender suas necessidades sociocomunicativas, sejam elas formais ou informais, e só o faz por ser um profundo conhecedor dela e isso é diferente de dominar as regras estabelecidas nos manuais de gramática. O educador Paulo Freire (1989, p. 9) afirma que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente”, sendo assim, impossível de dissociá-las.

Sendo conscientes dessa realidade, é que nos propusemos a apresentar, neste estudo, uma proposta de intervenção pedagógica com o objetivo de levar os alunos a compreenderem que o fenômeno da variação linguística pode se caracterizar em resultado da região, da situação comunicativa e de algumas características sociais dos falantes; e de contribuir para a desconstrução do preconceito linguístico, manifestando conduta respeitosa ante as variedades linguísticas e seus falantes. Para tanto, optamos pela literatura matuta do autor Jessier Quirino para alicerçar os momentos didáticos propostos, pois este “*prestador de atenção da simplicidade da vida do matuto sertanejo*”¹⁷ traz em suas obras a proeza da representação e valorização do falar, como identidade social, do Sertão Nordeste.

Destarte, desejamos ter contribuído com as pesquisas científicas da área de Linguística e Ensino e, principalmente, com a prática pedagógica de professores que se propõem mediar um processo de ensino/aprendizagem com foco na formação crítica de seus discentes nas várias áreas da LP, em especial aqui a variação linguística.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem peras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O fato gráfico:** O humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação, Jornalismo e Linguagem) - Escola de comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-22072009-182433/publico/4846686.pdf> Acesso em: 11 out. 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico:** o que é, como se faz. 47. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

¹⁷ Quirino (1996).

_____. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Sete erros aos quatro ventos:** a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEB: 2018. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In:* MARTELOTTA, M.E. (Org.) et al. **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em:
https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

CORREIA, Margarita; FERREIRA, José Pedro. Dicionários e Vocabulários Ortográficos na Constituição da Norma. *In:* LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Português no Século XXI:** Cenário Geopolítico e Sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 297 - 318.

COSTA, Antonio Roberto Faustino da *et al.* Poesia Matuta, Folkcomunicação e Representação Social em Jessier Quirino. *In:* CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 22., 2010, Campina Grande, PB. **Anais [...].** Campina Grande, PB, 10-12 jun. 2010. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/r23-0180-1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

FECHINE, Mariana Quirino; SOUZA, Danielle Andrade. A Construção Imagética do Paraibano em “Berro Novo”: Cenas de nordeste na visão do poeta Jessier Quirino. *In:* CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 22., 2010, Campina Grande, PB. **Anais [...].** Campina Grande, PB, 10-12 jun. 2010. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1272-1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

FREITAS, R. A. DE. Escolaridade e variação na produção escrita: uma análise sociolinguística do fenômeno da concordância verbal. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 25, n. 51, 13 jan. 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

QUEIROZ, Kézia Barbosa de; ANDRADE, Eliana Cristina Silveira de. Leitura e escrita na educação de jovens e adultos numa perspectiva de letramento. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 3., 2016, Natal, RN. **Anais [...]**. Natal, RN, 06-07 out. 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA12_ID8404_10082016150235.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

QUIRINO, Jessier. **Paisagem de Interior**. Recife: Edições Bagaço, 1996.

_____. **Agruras da lata d'água**. Recife: Edições Bagaço, 1998.

_____. **Bandeira nordestina**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

_____. **Berro novo**. Recife: Edições Bagaço, 2009.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um olhar léxico-semântico sobre o vocabulário regional em agruras da lata d'água de Jessier Quirino**. 2006. Dissertação (Mestrado em Fenômenos lingüísticos: variação e Mudança) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Maria.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

PAULISTA, Maria Lucia Loureiro. Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia. **Revista Ecos**, Mato Grosso, v. 21, n. 02, p. 157-177, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1871>. Acesso em: 06 ago. 2021.

RIBEIRO, Vanessa Veis; RIBEIRO, Vanessa; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. O fator faixa etária e a concordância nominal na linguagem falada na cidade de irati, PR. **ANALECTA**, Guarapuava, Paraná v.10 n. 1 p. 69-83 jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/view/1962/1697>. Acesso em: 11 out. 2021.

SCHERRE, Maria Marta Pereira.; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 3, 31 dez. 2011.

SILVA, Luana Mayara da. **Carnavalização e matutismo na poesia de Jessier Quirino**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2019. Disponível em: https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/2405/1/tcc_luanamayaradasilva.pdf. Acesso em: 15 de ago. 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

SILVÉRIO, Thaís Duarte; SILVA, Cristiano Cezar Gomes da A representação do sertão e o “espaço da saudade” na poética de Jessier Quirino. **Revista Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão, v. 10, n. 1, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/12795>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SOUZA, Arão de Azevêdo. **A representação do matuto na obra do poeta paraibano Jessier Quirino**. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2009. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12819247/a-representacao-do-matuto-na-obra-do-poeta-paraibano-jessier-quirino>. Acesso em: 15 ago. 2021.

_____. Muito Além das Preces: O sagrado e a religião em Jessier Quirino. **Revista de Recensões de Comunicação e Cultura**, 2009. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/souza-azevedo-muito-alem-das-preces.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

VARIÉDADE, *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/variedade>. Acesso em: 07 ago. 2021.

ZIMMERMAN, Ana. ‘Sotaques do Brasil’ desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>. Acesso em: 10 ago. 2021

AGRADECIMENTOS

Durante todo o percurso que trilhei para chegar até aqui, contei com a contribuição direta e indireta de várias pessoas, dentre as quais eu agradeço:

A Deus, minha eterna gratidão, pelo dom da vida, por me conceder saúde e me manter firme para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, Luiz Targino e Maria José, razões do meu viver, por serem minha base e inspiração de ser humano, por todo amor e cuidado, pelo esforço para que nunca nos faltasse nada, por sempre fazerem de tudo para eu ter acesso digno ao ensino, pela confiança no meu potencial me incentivando e me orientando em cada decisão a ser tomada.

À toda turma 2015.1, pelos momentos compartilhados, em especial aos amigos: Adriana, por ter sido uma mãe para a nossa turma, Carol e Kelton, pela companhia nas viagens diárias ao Campus III, pela parceria nos trabalhos acadêmicos e pela amizade que ficou.

À minha orientadora, Karla Valéria, pelo conhecimento compartilhado, por toda presteza na condução desse trabalho, me guiando, sabiamente, pelo melhor caminho para a conclusão dessa pesquisa.

À banca examinadora, nas pessoas dos professores Danielle Coppi e André Luiz, por se disporem a apreciar e avaliar minha pesquisa.

A Jessier Quirino, por compartilhar, através de suas obras, as riquezas nordestinas que me inspiraram a realizar esse estudo.

Aos amigos e familiares, pela compreensão das ausências.